



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CAMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE LETRAS**

KÉLLYTA ZAINÉ PEREIRA DA CUNHA

A RESISTÊNCIA DAS LEOAS EM A CONFISSÃO DA LEOA, DE MIA COUTO

PORTO NACIONAL

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CAMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE LETRAS

KÉLLYTA ZAINÉ PEREIRA DA CUNHA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional, como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas, sob a orientação da professora Dr.^a Maria Perla Araújo Morais.

PORTO NACIONAL -TO

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C972r Cunha, Kéllyta Zaine Pereira da .
A Resistência Das Leoas em A Confissão da Leoa, de Mia Couto . /
Kéllyta Zaine Pereira da Cunha. – Porto Nacional, TO, 2021.

29 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e
Literaturas, 2021.

Orientador: Maria Perla Araújo Morais

1. Silenciamento. 2. Patriarcalismo. 3. Mulher. 4. Mia Couto. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

KÉLLYTA ZAINE PEREIRA DA CUNHA

A RESISTÊNCIA DAS LEOAS EM A CONFISSÃO DA LEOA, DE MIA COUTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional, como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas, sob a orientação da professora Dr.^a Maria Perla Araújo Morais.

Aprovado em, 29/11/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a , Dr.^a, Maria Perla Araújo Morais Orientadora
Universidade Federal do Tocantins

Prof.^a, Dr.^a, Maria Gloria de Castro Azevedo
Universidade Federal do Tocantins

Prof., Dr.^a, Olivia Aparecida Silva
Universidade Federal do Tocantins

PORTO NACIONAL

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me dado perseverança, coragem, e sabedoria ao longo de meus estudos acadêmicos.

Aos meus pais, Edvaldo Araujo Pereira e Vanilde Guedes Pereira da Cunha por sempre me fortalecer mesmo quando não sabiam, depositavam em mim uma palavra amiga, uma mensagem, um áudio.

Ao meu amado companheiro Eliomar Rodrigues Barros, pela paciência, apoio, compreensão e credibilidade depositada em mim, mesmo nos momentos de angústias e inseguranças, ele estava ao meu lado incentivando -me a não desanimar durante todo percurso de estudo e escrita do trabalho de conclusão de curso.

À Universidade Federal do Tocantins e ao seu corpo docente por me propiciar todo conhecimento adquirido durante o curso, desde experiências acadêmicas à experiências compartilhadas em sala.

As minha avós Genelizia e Rady Araujo Pereira, *In memórian*: aos meus avôs, Geraldo Ribeiro da Cunha e Pedro Rodrigues Pereira, que não mediam esforços para me ver feliz, doando a mim todo seu amor. Eles me nutriram, e ensinaram a falar, a andar, estavam a meu lado em todos os momentos da minha vida enquanto puderam, obrigada serei sempre a sua ‘menininha’.

Agradeço a minha família em geral, e à família do meu companheiro. Agradeço a todos que me ajudaram e apoiaram direta e indiretamente durante o curso.

RESUMO

Busca-se, neste trabalho, tecer reflexões sobre as mulheres no romance *A confissão da Leoa*, de Mia Couto. O trabalho trata de uma pesquisa bibliográfica cujo objetivo é observar a representação da mulher, suas características e suas ações, buscando uma reflexão acerca do feminino, o lugar de fala, as relações de poder vivenciadas dentro de uma vila em Moçambique. Adiantamos que a mulher em Moçambique encontra-se silenciada por vários mecanismos desde uma visão patriarcal, herdada pela colonização, até práticas tradicionais que centralizam o poder de fala e de decisão da vida social ao homem. Buscamos refletir sobre a vulnerabilidade da mulher, desde sua idade tenra e os tipos de violência física e simbólica sofridas pelas personagens. Diante dessas questões relacionadas ao processo de silenciamento, foi possível notar que o entendimento de gênero precisa ser repensado e discutido para que as subalternidades relacionadas ao feminino sejam problematizadas. Analisaremos três personagens femininas do romance *A confissão da Leoa*, Mariamar, Silência e Tandi, porque elas são marcadas por diferentes tipos de violências.

Palavras-chave: Silenciamento. Patriarcalismo. Mulher. Mia Couto.

ABSTRACT

The aim of this paper is to reflect on women in Mia Couto's novel *The Confession of the Lioness*. This work deals with a bibliographic research whose objective is to observe the representation of women, their characteristics and their actions, seeking a reflection about the feminine, the place of speech, the power relations experienced within a village in Mozambique. We advance that the woman in Mozambique is silenced by several mechanisms from a patriarchal vision, inherited by the colonization, to traditional practices that centralize the power of speech and decision of the social life to the man. We seek to reflect on the vulnerability of women from an early age and the types of physical and symbolic violence suffered by the character, a feature that is already announced by the choice of women's names. Given these issues related to the silencing process, it was noted that the understanding of gender needs to be rethought discussed so that the subalternities related to the female are problematized. We will look at three female characters in the novel *The Confession of Leone*, Mariamar, Silence and Tandi, because they are marked by sexual / cultural arbitrariness.

Keywords: Silencing. Patriarchalism. Woman. Mia Couto.

“ (...) Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo”.

(Paulo Freire – Abertura do Congresso Brasileiro de Leitura – Campinas, novembro de 1981)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 BREVES REFLEXÕES SOBRE A MULHER E A MULHER EM MOÇAMBIQUE	12
3 ANÁLISE DA OBRA DE MIA COUTO	19
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como temática a representação da mulher na obra *A Confissão da leoa*, do escritor moçambicano Mia Couto (2012), buscando entender como as personagens Mariamar, Silência e Tandi são retratadas no romance. A partir disso, confrontaremos essa representação a como a mulher é vista em nossa sociedade e, em especial, em Moçambique.

A obra começa com uma explicação inicial do escritor que também é biólogo, propiciando entremear a ficção e a realidade histórica em Moçambique:

Em 2008, a empresa em que trabalho enviou quinze jovens para atuarem como oficiais ambientais de campo durante a abertura de linhas de prospecção sísmica em cabo Delgado, no Norte de Moçambique. Na mesma altura e na mesma região, começaram a ocorrer ataques de leões a pessoas. Em poucas semanas, o número de ataques fatais atingiu mais de uma dezena. Esse número cresceu para vinte em cerca de quatro meses. (COUTO, 2012, p.7).

Mia Couto, inspirado no caso na aldeia de Palma no norte de Moçambique, cria a comunidade de Kulumani atacada por leões que faziam de suas vítimas unicamente mulheres da aldeia, motivo que levou o escritor a pesquisar e registrar no seu romance *A Confissão da leoa* as questões sociais que poderiam estar cooperando para esses ataques. Assim, ao invés de o romance concentrar-se em possíveis causas ambientais para o ataque dos leões, vemos a narrativa explorar com bastante ênfase as questões sociais, econômicas e de gênero responsáveis pelos ataques.

Entre as personagens, estão os dois protagonistas que também são narradores que se alternam no romance, Mariamar, moradora de Kulumani, e Arcanjo Baleiro, um viajante contratado para caçar os leões. Ambos são narradores-personagens, pois a obra se desenvolve a partir de seus relatos, apresentados de forma intercalada no romance. A moça vive em Kulumani, aldeia onde se desenvolve a trama, e em seus escritos vai trazer a cultura, as tradições locais, religiosidade e costumes da aldeia.

Com base na obra estudada, pretendemos explicar como as mulheres são representadas na obra e como Mia Couto discute os silenciamentos, as ações relacionadas às mulheres dentro do livro e na sociedade moçambicana.

Adiantamos que a mulher em Moçambique encontra-se silenciada por vários mecanismos desde uma visão patriarcal, herdada pela colonização, até práticas tradicionais que centralizam o poder de fala e de decisão da vida social ao homem. Buscamos refletir

sobre o silenciamento da mulher, desde sua idade tenra e os tipos de violência física e simbólica sofridas pelas personagens. Todas essas características levam as personagens do romance a uma

situação de vulnerabilidade, responsável pela morte das mulheres na vila.

Tendo em mente que a pesquisa é um instrumento através do qual se faz possível a aquisição de conhecimentos sobre a realidade, foi fundamental e determinante para a construção desse trabalho, a motivação promovida pela leitura da obra ‘A confissão da leoa’ onde podemos perceber a forma como a mulher negra é tratada. Esse estudo também tenta promover práticas educacionais centradas nas leis s 10.639/03 e a Lei 11.645/08 que versam sobre o ensino da história e cultura afro- brasileiro, africana e indígena nas escolas municipais, estaduais e particulares brasileiras. Acreditamos que estudar obras das literaturas africanas nos ajudam a entender a realidade brasileira, bem como propicia dar voz as memórias da identidade negra que, em nossa sociedade, encontram-se silenciadas por práticas que privilegiam uma herança branca, europeia e colonial.

Esta pesquisa dividiu-se em dois momentos. O primeiro capítulo é intitulado “A mulher na sociedade” e objetiva apresentar o lugar político, econômico, social e geográfico, em especial de Moçambique, palco da obra analisada, e reflete algumas transformações que passou o país que esclarecem a situação da mulher perante a sociedade. O segundo tem como título “Análise da obra de Mia Couto” e apresenta um estudo do romance *A confissão da Leoa*, mostrando a violência a que a mulher está exposta na sociedade, abordando temas como patriarcalismo, silenciamento, lugar de fala.

Pretendemos, ainda, com a realização da presente pesquisa, contribuir para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e conscientes da realidade do feminismo e das relações étnico-raciais.

2 BREVES REFLEXÕES SOBRE A MULHER E A MULHER EM MOÇAMBIQUE

A história das mulheres negras e os meios de resistência vem sendo estruturados a partir de aprendizados e lutas contra a subordinação e a exploração de um sistema colonial escravista e patriarcal repassado de geração a geração. Conseqüentemente, a formação de consciência de gênero, de raça e classe tem concebido o trilhar dessas mulheres em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil.

É recorrente a representação da história e da realidade de Moçambique na obra de Mia Couto. Há a presença de mitos, lendas, as guerras e os conflitos na região. A situação da mulher em Moçambique é fortemente ligada à questão cultural, que tradicionalmente é tratada como subordinada, subjugada e também à questão colonial, uma vez que Moçambique foi colônia de Portugal, um país fortemente patriarcal.

Moçambique, oficialmente chamada de República de Moçambique, é um país africano situado na costa sudeste, e a aldeia Kulumani, criada no romance *A confissão da Leoa*, onde se passa boa parte da história, localiza-se na região norte do país. Moçambique possui uma área aproximada de 799.380 km² e uma população de 24,5 milhões de pessoas (PNUD, 2013). O país é dividido em 11 províncias, contando a capital Cidade de Maputo, que possui o estatuto de província. Os portugueses começaram a chegar em Moçambique a partir de 1498 e acredita-se que desde o período paleolítico a região fosse povoada. Desde 1697, a exploração de ouro/marfim, e o tráfico de escravos, considerados mercadorias, tornaram-se a principal atividade portuguesa lucrativa na colônia.

As Conferências de Berlim (1885) impuseram a Portugal a colonização efetiva do país, caso contrário teriam como consequência a perda do território. A partir desse ápice, sucedeu uma ocupação militar, ocasionando uma administração colonial. Na década de 60, criou-se a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Em 1964 iniciou-se a luta armada contra a colonização que se estendeu até 1975, quando foi estabelecida a independência.

O jugo imposto às populações africanas através da colonização europeia atuou como uma das causas primordiais para o desencadeamento dos movimentos de descolonização e independência:

É desse tecido social fragmentado por diversas experiências históricas, políticas e culturais que resulta hoje a sociedade moçambicana. Dessa forma, não há como pensar Moçambique sem tentar entender o impacto que os acontecimentos históricos propiciaram em sua sociedade. Cada identidade, cada grupo, de uma forma ou de outra, demonstrará que não poderá ser pensado de maneira alheatória ou dissociados desses processos históricos. (MORAES, BORGES, 2009, p. 118).

A segunda guerra colonial -guerra civil- tem início no final da década de 70 quando a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) passa a guerrear contra o governo da

FRELIMO. Na década de 90, o presidente Joaquim Chissiano efetua diálogos que propiciam paz no país. Nos tempos atuais, o país encontra-se submerso em diversos problemas, de várias naturezas. Quase 70% da população vive nas áreas rurais e 80% vive na extrema pobreza, isto é, ultrapassando mais que a metade do país, essa calamidade (PNUD, 2013). Nesse contexto, a literatura tenta discutir a identidade desse povo, que há pouco tempo vive sem presença de terríveis guerras.

O processo colonização de Moçambique baseava-se no tráfico das populações negras, na exploração de recursos naturais, bem como a imposição da cultura europeia. Tudo isso cria um ambiente social e cultural complexo no país, porque a fragmentação oriunda dos diferentes processos históricos traz diferentes problemas para o país, inclusive o identitário.

Como nosso foco é o estudo sobre as mulheres na obra *Confissão da Leoa*, interessa-nos entender como é a condição do sujeito feminino. Para isso, além do processo histórico, é interessante pensarmos na perspectiva da interseccionalidade para compreender o cruzamento de múltiplas opressões postas às mulheres. O conceito de interseccionalidade: “pode ajudar a enxergarmos as opressões, combatê-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas. Às vezes oprimimos, mas às vezes somos opressores” (AKOTIERE, 2018, p. 92).

Portanto, para entender o feminismo ou a luta das mulheres pela igualdade é necessário também pensar em outros problemas que, aliados à questão de gênero, são responsáveis pela subalternidade ser distinta dependendo do grupo. Assim, mulheres negras pobres devem ser vistas sob uma perspectiva distinta do que mulheres brancas ricas. Sobre as mulheres negras, além do problema de gênero a partir das forças do patriarcado, também atuam outros problemas sociais, raciais e econômico.

Na sociedade patriarcal, as mulheres eram tratadas como seres inferiores, objetos pertencentes aos homens, ou da família do pai e do marido, para seu deleite. O patriarcalismo é:

uma forma de poder. Ele é como uma coisa, uma geringonça feita de ideias prontas inquestionáveis, de certezas naturalizadas ... de muita violência simbólica e física, de muito sofrimento e culpa administrados por pessoas que têm o interesse básico de manter seus privilégios de gênero, sexuais, de raça, de classe, de idade, de plasticidade. (TIBURI, 2018, p. 40).

Em sociedades patriarcais, os homens têm plenos poderes para fazerem o que quiserem com suas mulheres, filhas, mãe, pois a única explicação que existe é porque são homens. Eles são colocados no centro das atenções, os valores são regidos por eles e se tornam identidades hegemônicas. o interior do movimento de mulheres, em seus primeiros anos, pouco se discutia sobre a população branca trabalhadora, nem mesmo sobre as mulheres brancas trabalhadoras. Embora muitas delas apoiassem a campanha abolicionista, elas não

conseguiram integrar sua consciência antiescravagista à análise que faziam da opressão das mulheres. Ao discutirem as ações pela igualdade sexual, algumas mulheres negras descobriram como o racismo estava profundamente enraizado na sociedade:

Embora as correntes da escravidão tivessem sido rompidas, a população negra ainda sofria as dores da privação econômica e enfrentava a violência terrorista de gangues racistas, cuja intensidade não se comparava nem mesmo à da escravidão. (DAVIS, 2016, p. 93-94).

E mesmo durante o período pós-escravidão, o racismo prevalecia, dando continuidade à escravidão camuflada, de serviços menosprezados pela sociedade branca:

Durante o período pós-escravidão, a maioria das mulheres negras trabalhadoras que não enfrentavam a dureza dos campos era obrigada a executar serviços domésticos. Sua situação, assim como a de suas irmãs que eram meeiras ou a das operárias encarceradas, trazia o familiar selo da escravidão (DAVIS, 2016, p.105).

Entende-se que, no processo de libertação da colonização, as mulheres moçambicanas não eram cidadãs, conforme as leis daquele país. Para melhor entendermos, podemos exemplificar que elas não compareciam nos tribunais, sendo representadas por tutor masculino, além de serem vetadas a estudos. Também não tinham direito à fala, isto é, eram silenciadas, tratadas como mercadorias por possuírem dotes únicos, como a força em serviços domésticos, cuidado da casa e dos filhos. Sendo responsáveis também pela agricultura, e em parte, o comércio ambulante e a produção artesanal, um ‘objeto multiuso’.

Mesmo a “mulher rural não é proprietária da terra na qual trabalha e da qual não tem segurança de posse, especificamente na região Sul de Moçambique, mesmo com o apregoar da emancipação da mulher pelo governo.” (CÂNDIDO, 2009, p.18), isto é, podiam trabalhar no campo, mas somente o programa de desenvolvimentos rurais para obtenção de rendimentos foi destinado a produtores homens, isto é, fizeram exclusão de mulheres mesmo sendo elas trabalhadoras e responsáveis pela maior atividade no campo.

A luta armada teve início em 1964, mas foi somente em outubro de 1966 que o Comitê Central da Frelimo passou a consentir mulheres em seu exército, isto é, depois de dois longos anos de persistência feminina. A teimosia mostrou-se necessária quando enfim conquistaram seu espaço no campo de guerra, conquistando cada vez mais postos, como enfermeiras, cozinheiras, carregadoras de armamentos, militares, dentre outras. A decisão de incluir as mulheres no processo revolucionário não foi resultado de um consenso. Esta conquista resultou em rejeições e divergências políticas no interior da Frelimo, e serviu de impulso à construção e afirmação de um discurso sobre a mulher por esta organização. Essa restrição da mulher ao espaço doméstico para o cuidado (casa e educação dos filhos) e reprodução da mão-de-obra operária exercia uma função acessória na produção do sistema capitalista. A subordinação feminina era uma questão social somente resolvida com o socialismo (sistema político e econômico baseado na igualdade):

Entrevistas com guerrilheiras, publicadas na *Tempo*, possibilitam conhecer opiniões de algumas mulheres envolvidas nesta experiência. Filomena Likune, que alega ter sido colega de Josina Machel, na base de Beira a partir de 1968, foi uma das primeiras 25 mulheres Macondes a serem treinadas. Em sua entrevista, publicada em 1983, comentou ter havido pessoas contrárias à proposta de criar um segmento feminino do exército da Frelimo. Segundo Likune, duvidava-se da capacidade das mulheres para a guerra e achava-se que a contribuição delas ao processo revolucionário deveria se restringir ao trabalho nas machambas (roças) e demais tarefas de apoio. Porém, “a direção do Partido decidiu que iríamos por experiência. Os resultados foram excelentes. Nenhuma de entre nós caiu durante os treinos, corríamos grandes distâncias sem problemas, conseguimos convencer sobre a nossa capacidade” (SANTANA, 2009. p. 74).

Tiburi (2018) diz que “O feminismo é contradispositivo, uma espécie de agulha que fura essa bolha” (2018, p.40). Talvez venha daí o medo da sociedade patriarcal de não reconhecer a notoriedade da mulher. A bolha na qual sociedades patriarcais vivem seriam as ideias inquestionáveis e naturalizadas que alimentam a desigualdade de gênero, o que acaba proporcionando outras desigualdades.

Sabemos que “desmontar essa máquina misógina patriarcal é como desativar um programa de pensamento que orienta nosso comportamento.” (TIBURI, 2018, p.41), esse comportamento machista é algo intrínseco da sociedade, e é nosso dever como mulher tentar desmontar essa máquina.

Temos a tendência de considerarmos natural o que é masculino e o feminino, mas, segundo Judith Butler, trata-se de ver o gênero como construções sociais e culturais. Ser mulher em uma cultura masculina é ser sinônimo de ‘problema’, pois o sujeito masculino a considera uma ‘intrusão’ repentina, que contesta o lugar que ocupa e autoridade da posição

masculina.

Na leitura do romance *A confissão da leoa*, observamos como Mia Couto denuncia a situação de opressão das mulheres moçambicanas. Assim, a história do ataque dos leões na vila de Kulumani é uma estratégia utilizada pelo autor para falar sobre como as mulheres da comunidade estão sendo dizimadas. O motivo dessas mortes não são só os animais, mas o próprio homem.

Vemos na obra a passagem rápida, mas significativa da personagem da mãe de Arcanjo Baleiro. Ela é submetida a kusungabanga, ou seja, costuram “a vagina da mulher com agulha e faca” (COUTO, 2012, p. 203). Este bárbaro procedimento é realizado quando o marido sai para trabalhar e fica um longo período longe de casa, com isso evita que a mulher o traía. Muitas mulheres acabam morrendo devido a infecções por causa dessa prática. Legalmente, o trabalho assalariado era um encargo masculino, por esta razão muitos homens ausentavam-se por grandes períodos de suas famílias, como é o caso de alguns que foram trabalhar nas minas da África do Sul, por conta da depredação colonial do país.

A narradora do romance e suas irmãs são abusadas sexualmente pelo pai, tendo um certo consentimento da mãe que pouco podia fazer para a proteção das filhas.. Tandí, empregada do administrador da província, é violentada e morta pelos homens da aldeia por cruzar uma região proibida às mulheres (shitala) e todos sabemos que tinha acontecido a ela.

Mas o romance não trata apenas de práticas tradicionais que submetem o corpo da mulher à subalternidade, uma vez que também proporciona pensar sobre o impacto da colonização na vida da mulher moçambicana:

Em relação às mulheres, por exemplo, seu espaço dentro da dinâmica social também deve ser pensado sob esse impacto dos eventos históricos, sobretudo como a colonização e como a cultura tradicional articulam um entendimento sobre o sujeito feminino depois da independência do país. Se soubermos que, dentro das organizações sociais oriundas do confronto ou da mescla desses eventos históricos, há uma assimetria de gênero, podemos perceber um quadro amplo de vulnerabilidade do sujeito feminino em Moçambique (MORAIS e BORGES, 2019, p.118).

A partir de 1938, a administração colonial em Moçambique passou a exigir que a cobrança do imposto fosse per capita e, com isso, as mulheres entre 18 e 60 anos também deveriam pagá-lo, o que ocasionou uma sobrecarga de trabalho para os povos africanos, contribuindo para a prostituição. Pois, na incapacidade dos esposos/família arcarem com a dívida conseguinte dos impostos, mulheres (mães, esposas, filhas) poderiam ser vendidas ou prostituídas para prover a fonte de pagamento, usadas como mercadorias, por isso o índice de

doenças sexualmente transmissíveis é tão grande nesse país.

Esta segmentação de gênero sobreposta com questões raciais refletiu também no sistema educacional. A escola era vista como uma exclusividade masculina, mas o acesso dos moçambicanos ao ensino era difícil, visto que sua aquisição funcionava como um critério de distinção social. A personagem Mariamar, por exemplo, somente conseguiu aprender a ler sozinha, pois quando o avô chegava de uma caçada colocava a inicial do animal que matara na mesa. Com essa ação a jovem passou a observá-lo e aprender a ler.

A saída maciça da mulher para o mercado de trabalho não resultou em acordos das tarefas domésticas com o seu cônjuge, mas em um considerável acúmulo de tarefas ao findar o dia. Além do trabalho doméstico não ser reconhecido financeiramente, o salário recebido pelo trabalho realizado na empresa era inferior ao recebido pelos homens, apesar de muitos negarem esse fato:

Se as mulheres, submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também são prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante. (BORDIEU, 2003, p. 63).

Contudo, propiciou uma nova discussão das relações de gênero e do lugar da mulher na sociedade, assim como estimulou modificações concretas na forma de o grupo feminino pensar sobre si e seu reconhecimento na sociedade, entre outros aspectos. Valores de raízes culturais estão envolvidos na geração das disparidades entre homens e mulheres, mas não basta ter independência econômica para que as mulheres sejam tratadas como iguais na sociedade, é necessário mudar muitos outros aspectos.

Para denunciar essas práticas e promover a situação de igualdade da mulher, o feminismo, como movimento crítico social, propicia uma revisão nas práticas de subalternidade naturalizadas na sociedade:

Em sua essência, a teoria feminista tem presumido que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior do seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada. (BUTLER, 2003, p. 17-18).

É de suma importância esse movimento na luta da igualdade de gênero, tendo como voz a mulher, ao mesmo tempo indica para o caráter inconciliável de uma sociedade de

direitos na qual o patriarcado esteja em vigência, é nesse sentido que o feminismo é uma luta contra um estado de injustiça e opressão:

Também podemos citar essa realidade no contexto brasileiro, o alto índice de feminicídio de mulheres negras, a constatação de que as mulheres negras ainda são maioria no trabalho doméstico e terceirizado e tantos outros exemplos. O fato de ocuparem lugares em que aumenta a situação de vulnerabilidade faz com que certas medidas consideradas como retrógradas também atinjam esses grupos de maneira mais acintosa. (RIBEIRO, 2017, p. 37).

Notamos que todos os personagens que compõem a obra possuem vestígios da colonização/guerra gravados em suas memórias. Marcas de dor e sofrimento, e de uma cultura já internalizada por eles. Por isso é necessário lutar, pois “luta é a ação do desejo que nos politiza. Luta é o próprio da ação política.” (TIBURI, 2018, p. 55), a fim de que não sejamos devoradas por ‘leões’. Há ainda uma passagem na obra que mostra-nos que, mesmo quando findara a guerra, ela deixara muitas marcas: “A guerra acabara nesse mesmo ano de 1922, mas restava ainda um invisível garrote asfixiando o nosso lugar” (COUTO, 2012, p.50), Portanto, para entendermos a realidade moçambicana e a mulher inserida nesse contexto devemos estar atentos a vários problemas.

3 ANÁLISE DA OBRA DE MIA COUTO

Mariammar e Arcanjo Baleiro, ambos narradores-personagens, desenvolvem a narrativa a partir de seus pontos de vista. O relato da moça, denominado versão de Mariamar, é recheado de subjetividades, e representa as situações pela ótica local, isto é, a aldeia de Kulumani. Já os escritos de Baleiro, diário do caçador, mostram-nos o olhar do caçador de leões, proveniente da capital, o estrangeiro em terras estranhas. Dessa forma temos dois olhares sobre determinada situação. Na versão Mariamar notamos um olhar feminino sob as atrocidades cometidas as mulheres na aldeia, “Na noite anterior, em nossa casa a ordem tinha sido ditada: as mulheres permaneceriam enclausuradas, longe dos que iriam chegar. Mais umavez nós éramos excluídas, apartadas, apagadas.” (COUTO, 2012, p.43). A personagem também se coloca nessa meio subjugada. No ‘Diário do caçador’, Arcanjo narra sua história pessoal além da viagem e acontecimentos vividos na aldeia de Kulumani “Na mesma noite, usando da maior das hospitalidades, instalaram-nos (caçador e o escritor) no edifício da administração.” (grifos meus, COUTO, 2012, p. 97), mostrando a chegada do caçador na aldeia.

O enredo se desenvolve em um pequeno povoado no interior de Moçambique onde o número de vítimas somente femininas atacadas por leões tem cada vez mais aumentado. A companhia petrolífera que está na região contrata os serviços de Arcanjo Baleiro para matar esses animais que rondam a comunidade, “ – O seu nome é Arcanjo Baleiro? Pois o senhor vai poder caçar à vontade, foi você que ganhou o concurso” (COUTO, 2012, p.34)

O caçador não viaja sozinho, é enviado com ele um escritor para registrar a aventura: “ – Este é o escritor. Ele vai ser o seu companheiro de viagem.” (COUTO, 2012, p. 63). Ricardo Regalo cumpre o dever de escrever/relatar toda a caçada, e aproveita de seus escritos para colher depoimentos de moradores da região. Seguem também a caminho da vila: “Na viatura de todo o terreno seguem quatro ocupantes: à frente, eu e o escritor Gustavo; no banco traseiro, Florindo Makwala, o administrador do distrito, e a sua anafada esposa, Dona Naftalinda.” (COUTO, 2012, p.68).

Vale salientar que Arcanjo regressava a aldeia, pois já havia estado ali há dezesseis anos, momento em que cruzou sua vida com Mariamar, personagem principal, que estava vendendo galinhas na beira da estrada, quando recebeu uma investida do único policial dali que a assediava. Com a chegada de Arcanjo, o mesmo se retirou, evitando sem saber um possível estupro. O caçador propôs saírem da aldeia, irem assistir televisão (tecnologia para pouquíssimas pessoas da região), mas Mariamar recusou. Com esse retorno Mariamar é proibida de sair de casa, para que o caçador não a veja e ‘roube-a’.

Mariammar teve uma paralisia das pernas na adolescência e seu avô, acreditando que ela

merecia o melhor, a levou a uma missão católica: “Durante os dois anos que passei na Missão, as visitas de meu avô eram o meu sol.” (COUTO, 2012, p. 129). Em sua casa, Mariamar se encontraria totalmente vulnerável por ser uma criança, pobre e negra.

Arcanjo Baleiro, “os das balas, os Baleiros” (COUTO, 2012, p.31), usa a escrita como forma de refletir o seu pretérito. Enfrenta a enfermidade mental do irmão que está internado e matara o pai e uma paixão reprimida pela cunhada, Luzilia, “foi ela, essa Luzilia, que me afastou da minha própria alma.” (COUTO, 2012, p.35).

Mariamar se vê como alguém que nunca nasceu, que já estaria morta, desumanizada. Na noite anterior á chegada do caçador, uma ordem havia sido imposta, as mulheres permaneceriam em casa, longe dos que iriam chegar, isto é, o Arcanjo Baleiro e o escritor Regalo: “Esta aldeia matou a sua irmã. Matou-me a mim. Agora, nunca mais mata ninguém. Nós todas, mulheres, há muito que fomos enterradas. Seu pai me enterrou; sua avó, sua bisavó, todas foram sepultadas vivas.” (COUTO, 2012,

p. 43). Essa condição de nascida morta não é exclusividade da protagonista, como vemos no fragmento acima, mas arquiteta no romance o aniquilamento da vivência feminina e denuncia a exploração, agressão física e psíquica e veto do direito à voz das mulheres.

A morte marca a vida da vila, quer seja porque os leões matam as mulheres, quer seja porque a memória dos mortos causa um desconforto na vila. Ao serem interrogados (os habitantes de Kulumani) sobre os eventos, eles retinham silêncio: “Onde há sangue não há palavra. O escritor [Gustavo Regalo] está a pedir aos mortos que mostrem as cicatrizes” (COUTO, 2012, p. 109). As cicatrizes dizem respeito às memórias locais, problemas que vão além do presente se estendendo pelo passado de colonização e da guerra, que agem decisivamente na constituição da comunidade.

Couto utiliza de metáforas para enriquecimento de sua obra de tamanha carga sentimental, sonhos, mortes, conflitos, uma comunidade fechada em seu tempo, com costumes e segregação de gêneros. Por exemplo, o vocábulo ‘leão’ do título do romance diz respeito a um animal felino, mas também aos homens daquela aldeia, que devoravam somente mulheres, ‘devoravam’ no sentido de consumir a partir do abuso físico, sexual e mental das mulheres. Marcia Tiburi (2018) ajuda a entender essa situação quando se refere à cultura patriarcal, algo presente no contexto do livro:

A misoginia é o discurso do ódio especializado em construir uma imagem visual e verbal das mulheres como seres pertencentes ao campo do negativo. A violência física também é linguagem. Atos de violência, seja verbal ou física, seja espancamento ou estupro, são de uma lógica diabólica que transforma em negativo tudo aquilo que visa a destruir. (2018, p.39).

Aquilo que chama de negativo é tudo aquilo que não está no poder, pois as mulheres só servem para trabalhos domésticos “Todas as madrugadas a nossa mãe se antecipava ao Sol: colhia lenha, buscava água, acendia o fogo, preparava o comer, laborava na machamba, avivava o barro, tudo isso ela fazia sozinha.” (COUTO, 2012, p.22), e prazeres sexuais aos homens.

Neste trecho entendemos um pouco o ambiente e a espécie de leões/ homens, quando Hanifa diz:

De fato, vários homens de Kulumani são responsáveis pelas mortes das mulheres: são eles que cercam, violentam, diminuem, oprimem e pressionam as personagens da vila. De uma forma ou de outra, eles criam um ambiente propício para a morte, loucura ou solidão de todas as mulheres de Kulumani, se comportando como verdadeiros predadores. Eles são responsáveis por criarem uma situação de vulnerabilidade em todas as mulheres. Assim, quando, no começo da narrativa, sabemos que há leões comendo as pessoas da vila, isso seria também uma metáfora para falar do que os homens estão fazendo em Kulumani. Se, também, se observa os leões matando as mulheres de Kulumani, deve-se levar em conta o que os homens estão fazendo ali para deixar as mulheres tão vulneráveis aos ataques. (MORAIS, BORGES, 2009, p.126).

Como há várias possibilidades de análise do texto, escolheremos tratar de três personagens femininas a fim de estudar como são subalternizadas e violentadas pelos “leões” de Kulumani: Silência, Tandi e Mariamar. Todas elas podem ser pensadas pela intersseccionalidade. Segundo Carla Akotirene (2018), a interseccionalidade:

Demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. (2018, p.54).

O conceito de “interseccionalidade” foi batizado desta maneira por Kimberlé Williams Crenshaw, mulher, feminista e professora especializada nas questões de raça e de gênero. Ela usou este termo pela primeira vez numa pesquisa em 1991 sobre as violências vividas pelas mulheres de cores nas classes desfavorecidas nos Estados Unidos. Este conceito foi usado por outros estudos, mas com os termos de “interconectividade” ou de “identidades multiplicativas”.

Interseccionalidade, segundo ela, é um conceito sociológico que estuda as interações

nas vidas das minorias, entre diversas estruturas de poder. O patriarcalismo é a consequência de diferentes formas de dominação ou de discriminação. Ela trata das interseções entre estes diversos fenômenos. É pensada como uma categoria teórica com ênfase em multifacetados sistemas de opressão, em particular, articulando raça, gênero e classe. Todas as mulheres que analisaremos no romance são negras, jovens e pobres. A partir daí podemos compreender as desigualdades existentes que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas do patriarcado.

Há interseccionalidade no romance de Mia Couto e ela também nos ajuda a entender o percurso e ações das personagens. Vejamos Silência, irmã de Mariamar, última vítima dos leões da aldeia de Kulumani. A personagem Silência é uma brincadeira de palavras, como se fosse o silêncio mas, na forma feminina, artifício esse utilizado pelo autor para ajudar a compor a obra. O nome da pessoa, no romance, designa os passos que ela vai seguir, como ela vai ser.

Silência “foi a última vítima dos leões que, desde há algumas semanas, atormentam a nossa povoação. Porque morreu desfigurada, deitaram o que lhe sobrava do corpo...” (p.14). A personagem foi silenciada, seu nome nos ajuda a perceber a história, o percurso da mulher em Moçambique, o não poder de voz que elas possuem.

Silência é mulher, negra, pobre, por isso está mais vulnerável à morte. Sabendo que ela foi abusada sexualmente pelo pai, isso a torna ainda mais vulnerável pelo fato da violência ser praticada em seu lar. Com esse diálogo vemos Haninfa revelando: “- Esse homem deu-me quatro filhas mas tirou-me todas elas.”/ Arcanjo - Disseram-me que a mais velha foi morta pelos leões.”/ Haninfa “ – Foi Genito que a matou ...” (COUTO, 2012, p. 177) Por esta razão percebe-se a interseccionalidade na personagem: ela é mulher, negra, jovem, pobre e abusada dentro de casa. Tudo isso lhe confere uma tal vulnerabilidade que seu destino é o silêncio total, a morte.

Neste fragmento a seguir podemos notar a juventude da personagem e sua sacralidade: “o corpo de Silência erguido em ombros, envolto em panos brancos que balançavam como asas quebradas.” (COUTO, 2012, p. 14). Ela é comparada a um anjo, isto é, algo divino, mas com asas quebradas, um anjo incompleto, porque foi violentada e morta pelos homens. Há uma passagem que é muito reflexiva; em um diálogo com seu marido sobre como prosseguiriam a vida sem a presença da filha, ele alegou que é para viverem, pois a filha pediu isso, Haninfa (mãe de Silência) diz: “Não me fale sobre o que a nossa filha pediu. Você nunca a escutou.” (COUTO, 2012, p.16). Esse “nunca a escutou”, pois não era a ela permitido falar, se expressar, instaura aqui o silenciamento, silenciada pela cultura, tradição daquela sociedade.

Outra personagem feminina que merece destaque é Tandi, empregada de Naftalinda.

Apesar de ser coadjuvante e ser mencionada poucas vezes, notamos a tamanha relevância de sua história para entendermos a situação da mulher.

A primeira menção que temos dessa personagem é uma indireta em um diálogo do policial Maliqueto com Mpepe, que diz “– Tem razão Maliqueto. Você não sabe o que fizeram a Tandi, que andou a passear por onde não devia?” (COUTO, 2012, p. 59), o que nos instiga a saber mais dessa personagem, e por onde ela tinha passado, o porquê de tal lugar ser restrito a ela.

Ao tentar explicar a ausência de sua empregada, Naftalinda é interrompida por seu marido, como se esse assunto fosse algo confidencial: “Ela está incomodada – interrompe às pressas Florindo. / - Incomodada? Que palavra é essa, marido? Incomodada?”. Naftalinda mostra desgosto pelo vocábulo usado, porque a palavra tenta encobrir a violência pela qual Tandi passou.

Naftalinda logo nos esclarece as indagações sobre Tandi, quando diz:

Só para que fique claro: incomodada quer dizer atacada, quase morta. E não foram os leões que o fizeram. A maior ameaça, em Kulumani, não são as feras do mato. Também cuidado, meus amigos, tenham muito cuidado. (...) – Os que mataram Tandi, a minha empregada. Eram doze ... – Mataram a alma dela, ficou só o corpo. Um corpo ferido, uma réstia de pessoa. (COUTO, 2012, p. 98,148) Tandi passara por uma violência sexual cometida pelos homens da aldeia por ter andado numa região interdita para as mulheres e depois ficou vagando sem perspectiva de vida, pois ela estava abalada depois de ter sido violada, Por isso, se tornou uma presa fácil para os leões que cercavam a aldeia.

A *shitala* é um local que “habitualmente se reúnem os homens. As mulheres estão excluídas. Não ousam sequer passar perto daquele espaço coberto.” (COUTO, 2012, p. 110). O ato de Tandi ir até aquele local significa um possível suicídio físico, o suicida não quer verdadeiramente se matar mas acabar com a dor, ao adentrar num espaço que era restrito, aqueles homens a estupraram, pois achavam-se no direito de fazerem o que bem entenderem com aquele corpo.

Vemos ao passar da história, o desprezo pelo corpo já em vida, que foi jogado em qualquer lugar no intuito de culparem os leões/animais, “- Não vê? Ela traz alguma coisa na boca, parece um pedaço de perna.” (COUTO, 2012, p. 172),

A interseccionalidade é vista quando notamos que Tandi é mulher, jovem, negra, pobre, mais vulnerável que as demais personagens pelo fato de ainda ser empregada, viver em uma casa, na qual não tenha parentesco nenhum com seus patrões, estar ali somente para

servir. Assim como Silência, os que as difere é o ambiente que moravam, uma tinha um ‘lar’, a outra uma ‘casa’.

Outra personagem importante é Mariamar, jovem moradora da aldeia de Kulumani, filha de Haninfa Mpepe e Genito Mpepe. Seu nome é a junção de Mari + amar, ou, ainda, Maria + mar. A primeira hipótese de nomenclatura poderia se dar pela intensidade dos sentimentos da jovem, mas a segunda é mais sustentada, pela fala do avô Adjiru “ – Você, Mariamar; veio do rio. E ainda há de surpreender a todos: um dia, você irá para onde o rio vai” (COUTO, 2012, p. 48) e mais “e eu, Mariamar, com o nome de água.” (COUTO, 2012, p. 49). A metáfora do ‘rio’ é para demonstrar que seu lugar era fora da aldeia, ela era fonte de riqueza e nunca mais deveria regressar aquela comunidade: “Vezes sem conta a nossa mãe tinha suplicado que fossêmos para a cidade” (COUTO, 2012, p. 44).

A personagem apaixonada por um viajante, seu nome, Arcanjo Baleiro, um misto de anjo com balas. Mariamar começa a nos despertar indagações sobre os leões que transitam naquele lugar, causando medo as mulheres:

Todos acreditam que são leões machos que ameaçam a aldeia. Não são. É esta leoa, delicada e feminina como uma Dançarina, majestosa e sublime como uma deusa, é esta leoa que tanto terror tem espalhado em todas as vizinhanças. (COUTO, 2012, p. 55).

Além das metáforas, a forte presença também das lendas, misticismos, religiosidade, em uma conversa com a irmã Silência que já está morta e aparece na figura de uma leoa a Mariamar, ela suplica “– Não me deixem por favor, levem-me conosco.” (COUTO, 2012, p.56). Um pedido, um desejo para que a levem consigo daquela cultura masculina, uma fuga dos costumes patriarcais que a cerca, que a consomem.

A personagem se diferencia das demais por várias características. Uma delas é o fato de saber ler: “muitos se admiram da minha habilidade de escrever. Numa terra em que a maioria é analfabeta, causa estranheza que seja exatamente uma mulher que domina a escrita.” (COUTO, 2012, p. 88-89), pois “Num mundo de homens e caçadores, a palavra foi a minha a minha primeira arma.” (COUTO, 2012, p. 89). Ainda é advertida pelo avô que julga a escrita como uma vaidade, que dá medo nos outros. Com esta habilidade ela podia conhecer, saber mais. O conhecimento é uma chave que abrirá as portas do mundo e Mariamar a tinha. Era ao mesmo tempo insegura e segura de si, como se soubesse que podia ir sempre além do que diziam que podiam: “As minhas pernas podiam estar mortas, mas nunca fiquei prisioneira de mim mesma”. Era dona de si, sabia o poder que tinha, ao dançar e ser observada por Arcanjo “- Eu não danço consigo. Eu danço para si. Fique sentado e veja como me torno uma

rainha. Submisso obedeceu.” (COUTO, 2012, p. 159).

Vale aqui ressaltar que, além de abusar de Silência, Genito, o pai, também abusou de Mariamar:

Não foram os castigos físicos que me fizeram estéril. Essa era a versão adocicada inventada por minha mãe. O crime foi outro: durante anos, meu pai, Genito Mpepe, abusou das filhas. Primeiro aconteceu com Silência. Assim que me despontaram os seios, fui eu a vítima. Já bem bebido, entrava no nosso quarto e o pesadelo começava. O inacreditável era que, no momento da violação, eu me exilava de mim, incapaz de ser aquela que ali estava, por baixo do corpo suado do meu pai. Um estranho processo me fazia esquecer, no instante seguinte, o que acabara de sofrer. Essa Súbita amnésia tinha uma intenção: eu evitava ficar órfã. Tudo aquilo afinal, sucedia sem chegar nunca acontecer: Genito Mpepe desertava para uma outra existência e eu me convertia numa outra criatura, inacessível, inexistente. Haninfa Assulua, minha mãe, sempre fez de conta que nada sabia. (COUTO, 2012, p. 187).

Toda essa violação não somente do corpo, mas psicológica, pois a mesma criava válvulas de escape em sua memória, a fim de não lembrar os abusos, era com o consentimento da mãe. Mas Mariamar sempre reafirma que se sente diferente:

Na realidade, foi o escuro que me revelou o que sempre fui: uma leoa. É isso que sou uma leoa em corpo de pessoa. A minha forma era gente, mas a minha ida seria uma lenta metamorfose: a perna convertendo-se em pata, a unha em garra, o cabelo em juba, o queixo em mandíbula. Essa transformação demorou todo esse tempo. Podia ser sido mais célere. Mas eu estava amarrada ao meu princípio. E tive uma mãe que cantou só pra mim. Esse embalo deu sombra à minha infância e fez demorar o animal que havia em mim. (COUTO, 2012, p. 235).

Uma leoa pelo fato de ser feroz, forte apesar de todas atrocidades cometidas a ela, e de todos os princípios que a ela era passado, teve que se desconstruir. Uma personagem anelada a uma cultura tradicional, Mariamar tem plena convicção que é leoa, pois ultrapassa aquela cultura, aquela violência. A saída é uma fuga da aldeia, A interseccionalidade está presente quando vemos que a personagem é mulher, jovem, negra, pobre, porém dá um novo sentido a sua vida, diferentemente da sua irmã Silência, pois tem a proteção de Adjuri seu avô, sabe ler. “Então, a interseccionalidade seria um modo de enlaçar as consequências da interação entre formas de subordinação, tais como sexismo, racismo e patriarcalismo.” (MORAES, SILVA, 2017, p. 63). A violência contra a mulher está presente em todos os ambientes possíveis da história, no seio familiar, na figura de Genito Mpepe, que abusa de suas filhas; nas autoridades civis através do policial Maliqueto, que ‘cobra’ um ato sexual de Mariamar, e nas autoridades políticas, pois somente os homens discutiam atos sociais, políticos. Quando Naftalinda acusa os homens da aldeia de atentarem contra a vida de sua empregada Tandí que

morreu, isso nos mostra que é uma prática enraizada, repetidora dos processos de colonização, que, mesmo chegando ao fim, ainda se encontram em estado de vulnerabilidade pela presença masculina.

Para entendermos o que diferencia Mariamar, de Silência e Tandi é necessário falarmos um pouco de seu avô Adjuri Kapitamoro que a ensinou a não temer as trevas, a cultura daquela aldeia. Vemos um diferencial nele quando confeccionava esculturas que “retratavam invariavelmente mulheres: as deusas que já fomos não queriam ser esquecidas” (COUTO, 2012, p. 85). Ele sabia o poder, a força que as mulheres tinham e, ao criar as esculturas, era como se dissesse que não podiam esquecer tais mulheres. Em uma conversa, indaga com o padre da Missão:

O senhor padre lhe ensinou a dar pontapés? – Pontapés? Então isso ensina-se a uma menina? – Exatamente, padre. Exatamente por ser uma menina é que ela deve aprender a dar murros, dentadas, pontapés... – De quem mais nos precisamos defender é dos que nos são mais próximos. (COUTO, 2012, p. 133).

Adjuri sabia das práticas masculinas que permeavam a comunidade, por isso queria que a sua neta aprendesse a dar murros, pontapés, pois era uma forma que tinha de se defender, justamente por ser mulher e que deveria aprender tais coisas, para se defender dos leões/homens.

Para finalização da análise da obra é necessário nos atentar as três importantes passagens que contribuem para a composição da narrativa e conseqüentemente a reflexão sobre o ser feminino silenciado. São elas: 1. Os diferentes tipos de leões, 2. A comunidade de Kulumani, e 3. A condição da mulher nessa aldeia.

Primeiramente entendemos que os leões assassinos de mulheres eram animais felinos em busca de comida, mas com a fruição da leitura entendemos que não existe apenas esses leões, também leões e outros tipos de leões. Há vários tipos de leões e todos são verdadeiros.

Há o leão interno, referente aos sentimentos, Arcanjo em um diálogo com o escritor diz sentir medo desse leão, “- Tem medo de si mesmo. Tem medo de ser caçado pelo animal que mora dentro de si.” (COUTO, 2012, p. 101)

Existe também “o leão-do-mato que aqui chama de *ntumi va kuvapila*; há o leão fabricado a quem apelidam *ntumi ku lambidyanga*; e há os leões-pessoas, chamados de *ntumi va vanu*. – E todos são verdadeiros – concluem, em unanimidade.” (COUTO, 2012, p. 114).

Este conhecimento de vários tipos de leões, não é exclusivo somente aos moradores de Kulumani, mas o caçador Arcanjo Baleiro admite que há leões-pessoas ao notar um ritual feito

pelos homens da comunidade:

Durante um tempo os homens dançam e, à medida que rodam e saltam, vão perdendo o tino e, em pouco, desatam a urrar, rosar e sujar os queixos de babas e espumas. Então percebo: aqueles caçadores já não são gente. São leões. Aqueles homens são os próprios animais que pretendem caçar. (COUTO, 2012, p.147).

Em segundo plano está Kulumani, o que esse lugar representava. O caçador pensava no “desamparo da aldeia, tão longe do mundo e de Deus. Kulumaini era mais órfã do que eu.” (COUTO, 2012, p. 77). Ele era órfão de pai e mãe só tinha o irmão, a aldeia era isolada, pelas “nove horas estradas de areia em péssimo estado.” (COUTO, 2012, p. 68). Pela herança deixada pela colonização, “Kulumani já não é um lugar, é uma doença.” (COUTO, 2012, p. 87), quem diz isso é o avô Adjuri.

Por último, um elemento que permeia do começo ao fim da história, por meio de metáforas, é a condição da mulher, consideradas serviçais, “Lavamos, varremos, cozinhamos, mas nenhuma de nós sentará a mesa.” (COUTO, 2012, p. 82), pois são subalternas, inferiores não adquirindo um lugar de prestígio que é sentar a mesa com os homens, essa condição é ratificada a todo instante quando as mulheres baixam seu olhar ao entrar na presença de um homem. Arcanjo comenta esse ato, ao conversar com Haninfa “ela me dirige a palavra, sem nunca levantar os olhos do chão.” (COUTO, 2012, p. 102), ação ‘ideal’ que obrigam as mulheres submeterem ao grande favorecido que são eles, sob pena de violência e morte.

Haninfa leva Arcanjo em sua casa para que mate o leão-homem, e lá Genito diz que é uma emboscada para o matar, pois a mulher o acusa de coisas terríveis, “Coisas nossas. Vocês sabem: aqui não há polícia, não há governo, e mesmo Deus só as vezes.” (COUTO, 2012, p. 141). A ausência de um governo, de leis, fazem com que criem um livro arbitro, que considerem apenas a vontade dos homens. Sem isso e sem a proteção em casa, as mulheres rogam apenas a religiosidade, algo divino que não as atende sempre quando precisam, pois “uma mulher, aqui, não é ninguém...” (COUTO, 2012, p. 178).

O romance de Mia Couto utiliza a história da caçada aos leões como representação/símbolo para denunciar o real assassino das mulheres de Kulumani: os homens.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho resultou de inquietações e reflexões sobre as mulheres em situação de violência física e psicológica, silenciadas, e subjugada. Objetivamos ver como o feminino é tratado em uma sociedade patriarcal, especificadamente, em Kulumani, uma comunidade de Moçambique.

O silêncio foi o motor e o guia da reflexão que ora apresentamos, a violência de gênero praticada por homens que se veem imunes à responsabilização dos seus atos no cenário social. Esse silêncio tem uma função de manutenção da hegemonia patriarcal, a submissão das mulheres. Por isso discutimos o feminismo e seu processo histórico, a representação da mulher em uma sociedade, e as relações de força, patriarcalismo, de preconceito, e violência física sofridas pela protagonista e demais personagens da obra em questão, partindo de uma estratégia literária do romance: a utilização dos nomes das personagens.

Utilizamos a obra *A confissão da leoa*, pois aborda essas temáticas. A personagem Silência é uma brincadeira de palavras, como se fosse o silêncio mas na forma feminina. A personagem foi silenciada, seu nome nos ajuda a perceber a história, o percurso da mulher em Moçambique, o não poder de voz que elas possui. Silência foi silenciada assim como outras mulheres.

Tandi foi outra personagem abusada por vários homens da aldeia. Mariamar, irmã de Silência, tem como nome a composição de Maria + mar, pois ela é intensa, e extensa assim como o mar.

O escritor utiliza de metáforas e neologismos como artifícios para construção da sua obra, mas também como forma de denunciar as práticas cometidas pelo patriarcado. Os leões que tem como alvo somente vítimas femininas nos inquietam a perguntar o por que elas, a resposta vem em todo o enredo da obra os leões-animais, a atacam pois são elas as primeiras a levantarem de madrugada para procurarem lenha para preparem a refeição do marido antes que esse acordem. Os leões-homens as atacam, pois acham no direito de possuir, de tomar para si, o corpo de qualquer ser feminino sendo mulher, filha, ou empregada.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade?.** Editora Letramento, 2018
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução: Maria helena Kuhner – 3ª ed – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CÂNDIDO, Maria Henrique. **Dinâmicas sociais de gênero a partir da concessão do crédito pecuário a mulheres rurais do posto administrativo de Changalane em Maputo – Moçambique**. 2009. 203 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009.
- COUTO, Mia. *A confissão da leoa*. São Paulo: Companhia de Letras, 2012. Davis, Angela, 1944- Mulheres, raça e classe [recurso eletrônico] / Angela Davis; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016. Recurso digital.
- MORAES. Eunice Lea de. SILVA. Lucia Isabel Conceição da. **Feminismo negro e a interseccionalidade de gênero raça e classe**. 2017.
- MORAES, Maria Perla A. BORGES, Egly Stérfane da S. O ataque dos leões e a resistência das leoas: uma leitura de *A confissão da leoa*, de Mia Couto. Revista Humanidades e Inovação v.6, n. 4 – 2019.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. **Relatório de Desenvolvimento Humano**. Disponível em: www.pnud.org.br/arquivos/rdh-2013.pdf. Acesso em: 28-29 out. 2019
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?.* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.
- SANTANA. Jacimara Souza. **A Participação das Mulheres na Luta de Libertação Nacional de Moçambique em Notícias (REVISTA TEMPO 1975-1985)**. 2009.
- TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum: para todas, todos e todes*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018. Rosa dos tempos, 2018.